

IV enanparq

Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
Porto Alegre, 25 a 29 de Julho de 2016

AS ATMOSFERAS ARQUITETÔNICAS DE PETER ZUMTHOR: uma arquitetura de dentro para fora

SESSÃO TEMÁTICA: VIDA INTERIOR

GUILHERMINO, Leila Araújo
Professora do Departamento de Arquitetura - UFRN. Mestre em Arquitetura e Urbanismo -
PPGAU-UFRN
leilaguilhermino@yahoo.com.br

AS ATMOSFERAS ARQUITETÔNICAS DE PETER ZUMTHOR: UMA ARQUITETURA DE DENTRO PARA FORA

RESUMO

À totalidade dos aspectos que compõem a qualidade dos ambientes dá-se o nome de atmosfera arquitetônica, conceito chave para a compreensão da obra do arquiteto suíço Peter Zumthor. Segundo defende este, a arquitetura apenas cumpre seu papel ao emocionar seu usuário, missão que leva à cabo desenvolvendo uma obra cujas qualidades espaciais procuram expressar seu *genius loci*. Para tanto, a riqueza de sentidos envolvidos na percepção do ambiente conformado e as reflexões deflagradas pela composição espacial revelam a complexa trama de elementos arquitetônicos, que expressa desde aspectos históricos-geográficos a técnicos e artísticos relacionados ao lugar. Traço destacado na sua ação projetual está na compreensão de que o interior é a esfera onde as pessoas promovem mais vínculos com o espaço e, por consequência, de onde inicia seu processo de projeção. Zumthor alega trabalhar num processo escavatório de dentro para fora, em que o vazio e as superfícies que o conformam são elementos protagonistas, negligenciando aos momentos finais a questão da forma exterior. Além disso, quando apresenta seus edifícios, costuma fazê-lo por meio de maquetes ou imagens internas, numa evidente valorização da dimensão interior no resultado de seu trabalho. Reconhecendo a *práxis* de excelência desenvolvida por esse arquiteto e sua influência no cenário arquitetônico contemporâneo, este *paper* dedica-se principalmente a analisar o protagonismo que os espaços interiores recebem na sua obra. Como objetivos secundários, visa identificar e discutir os procedimentos metodológicos de seu processo projetual que refletem essa relação de importância; debater sobre como justifica tal ponto de vista em seu discurso e a repercussão deste aspecto em sua obra. O trabalho consiste em uma pesquisa bibliográfica e documental, recorte da dissertação "Atmosferas arquitetônicas: projeto e percepção na obra de Peter Zumthor", apresentada ao PPGAU-UFRN, sob orientação do Prof. Dr. George Dantas e apoio da CAPES.

Palavras-chave: Atmosferas arquitetônicas. Peter Zumthor. Arquitetura fenomenológica.

PETER ZUMTHOR ARCHITECTURAL ATMOSPHERES: AN ARCHITECTURE FROM INSIDE TO OUTSIDE

ABSTRACT

The totality of aspects that composes the environmental character is called architectural atmosphere, a key concept to comprehend Peter Zumthor's work. In accordance of him, architecture just achieves its goals when it touches its users, mission he takes developing works which spatial qualities expresses its *genius loci*. In this way, the abundance of senses related to the shaped environment perception and the reflections sparked by the spatial composition unveils the complex net of architectural elements that expresses since historical-geographic until technical and artistic aspects related to the place. Features about his work the comprehension that interiors are where people have more feelings with space and, because of this, from where he starts his design process. Zumthor says he works on an excavation process, from inside to outside, where the emptiness and the surfaces that shape it are the main elements, leaving to the end the exterior form issue. Besides that, when presents his buildings, he uses models or interior images, in a clear appreciation of the interior dimension over his production.

Acknowledging the excellence *práxis* took by this architect and his influence over the contemporary architectural scene, this paper dedicates to analyze and discuss the main place the interior spaces have in his work. As minor aims, it tries to identify and discuss the methodological procedures in his design process that reflects this importance relationship; analyses how he justifies his point of view in his speech and the repercussion of this issue in his work. This paper is a documental and bibliography research, part of the thesis "Architectural Atmospheres: Project and perception in Peter Zumthor's work", developed on PPGAU-UFRN, tutored by Professor Dr. George Alexandre Ferreira Dantas and sponsored by CAPES.

Keywords: Architectural atmospheres. Peter Zumthor. Phenomenological architecture.

1. PETER ZUMTHOR, FENOMENOLOGIA E AS ATMOSFERAS ARQUITETÔNICAS

Compreender a obra do arquiteto Peter Zumthor passa, inicialmente, por reconhecer sua visão fenomenológica sobre a arquitetura – posição esta declarada pelo próprio arquiteto¹ – e entender a repercussão deste aspecto sobre a maneira com que desempenha seu trabalho.

Centrado na ideia de conceber mais que objetos edificados, mas lugares dotados do que chama de *atmosferas arquitetônicas*, Zumthor se volta à tarefa de compor espaços que emocionem seus usuários. Esse conceito, definido por Guilhermino (2015) como a condição ou característica complexa, influenciada por todos os aspectos que compõem um ambiente – seja ele interior ou exterior a uma edificação – e que são percebidos por seu usuário. Fruto de uma experiência corporal integral, diga-se, a percepção da atmosfera soma os estímulos físicos sobre o corpo às memórias, sensibilidades e particularidades do indivíduo, levando-lhe a atribuir uma identidade a esse lugar.

Assim, sobre a arquitetura desenvolvida por Zumthor, pode-se dizer que ela transcende às dimensões técnicas e funcionais do edificar. Debruça-se, ainda, sobre questões histórico-geográficas, culturais e paisagísticas do lugar, bem como às relativas ao comportamento e aos sentidos do usuário.

Peter Zumthor está entre aqueles arquitetos que consideram mais que o aspecto visual de um projeto. Para ele, não é importante somente como um piso, degrau, parede, ambiente ou fachada se apresentam, mas também como eles são sentidos quando alguém os toca com as pontas de seus dedos, ou como elas cheiram, como ressoam e soam e que tipo de associações, imagens mentais, expectativas e memórias eles evocam. Seus edifícios sempre giram em torno da relação entre o corpo humano e seu ambiente e da maneira com que o indivíduo experiencia situações muito específicas. (URSPRUNG, 2009, tradução nossa)

As palavras de Ursprung sobre a obra de Peter Zumthor se deram na entrega do Prêmio Pritzker, em 2009, dedicado ao suíço. Elas ilustram não só o reconhecimento sobre o trabalho do profissional no cenário contemporâneo, mas também o complexo arranjo de elementos e estímulos, de naturezas diversas, empregados a fim de conceber uma arquitetura capaz de expressar seu *genius loci* e cumprir o papel que lhe cabe, conforme acredita o arquiteto.

¹ Informação obtida na conferência ministrada por Peter Zumthor no evento "Americano del Sud", em 17 de abril de 2015, na cidade de Assunção - Uruguai.

Além de seu ponto de vista sobre a arquitetura e sobre o fazer arquitetônico, a observação da obra de Peter Zumthor permite destacar a importância que esse arquiteto atribui à dimensão interior em seus projetos. Segundo o mesmo, "os sentimentos mais pessoais com o que é arquitetura são, em geral, com espaços interiores" (ZUMTHOR, In: AMERICANO DEL SUD, 2015, tradução nossa). Observar sua obra e a arquitetura contemporânea sob este prisma, então, reforçam sobremaneira a necessidade da aplicação criteriosa da arquitetura de interiores nos espaços concebidos pela disciplina.

Corroborando com o que disse Zumthor acima, no tocante aos espaços internos, entende-se, para este estudo, que se trata do meio com que o indivíduo costuma relacionar-se em maior intensidade, no qual deposita seus sentimentos em maior grau, com o qual se identifica e cria vínculos de maneira mais contundente. Logo, se a arquitetura é desenvolvida para pessoas, deve estar atenta à relevância desta esfera, dedicando-se a construir espaços que, sobretudo, contribuam para uma melhor qualidade de vida de seus usuários.

Em meio a esse contexto, reconhecendo a práxis de excelência desenvolvida por Zumthor e sua influência no cenário arquitetônico contemporâneo, este artigo se propõe principalmente a discutir sobre o protagonismo atribuído ao meio interior na sua obra. Intenso, seu vínculo com o espaço conformado pelas estruturas construídas se expressa de maneira a reger o desenvolvimento do seu trabalho desde seu aspecto conceitual à apresentação de sua obra concluída.

Como objetivos secundários, visa identificar e analisar os procedimentos metodológicos de seu processo projetual que refletem essa relação de importância; debater sobre como o arquiteto justifica tal ponto de vista em seu discurso e, por fim, identificar em sua obra exemplos que ilustrem a repercussão deste vínculo.

Este artigo consiste em uma pesquisa bibliográfica e documental, realizada a partir da leitura de livros e depoimentos de autoria do arquiteto e palestras por ele proferidas. Além disso, conta também com a análise de imagens e projetos de suas obras, disponíveis nas fontes supracitadas e da visitação pela autora da exposição "The Presence of the Past: Peter Zumthor Reconsiders LACMA", em Los Angeles (EUA), em julho de 2013. Trata-se, ainda, de um recorte da dissertação "Atmosferas arquitetônicas: projeto e percepção na obra de Peter Zumthor", apresentada ao PPGAU-UFRN no ano de 2015, sob orientação do Prof. Dr. George Dantas e apoio da CAPES.

2. DE DENTRO PARA FORA

1.1 ANALISANDO SEU DISCURSO E OBSERVANDO SUA OBRA

Uma observação superficial da obra de Peter Zumthor, meramente visualizando seus projetos desde o exterior, permite facilmente perceber a reincidência de uma volumetria trabalhada com o mínimo de elementos, de geometria prismática retangular, principalmente horizontal, sem adornos ou recortes. Exemplos claros dessa condição podem ser o Pavilhão da Serpentine Gallery (Inglaterra, 2011), as Termas de Vals (Suíça, 2009), o Kunsthaus Bregenz Museum (Áustria, 2013).



Figura 1 – Pavilhão da Serpentine Gallery, do ano de 2011 (Londres, Reino Unido).
Fonte: Hufton & Crow, 2011.
Disponibilizado pela Serpentine Gallery.



Figura 2 – Termas de Vals, Vals (Suíça), de Peter Zumthor. Fonte: PINTEREST, 2015



Figura 3 – Museu Kunsthaus-bregenz, na Áustria. Fonte: KUNSTHAUS BREGENZ, 2013

Ainda que longe de argumentar que o desprovemento de adornos nas suas volumetrias refletem uma ausência de significado destas, Zumthor defende que a forma é, na verdade, consequência de um processo projetual que considera todos os elementos do espaço conformado – como os ruídos, os materiais, as técnicas de construção, o lugar e a maneira como o espaço será utilizado (ZUMTHOR, 2006, p.71.). Para o mesmo, ela não deve apresentar, portanto, aspecto escultórico, sob o argumento de que poderia vir a se tornar o único e grande atrativo de sua arquitetura. Ao contrário, acaba por descrever seu trabalho

num processo quase escavatório, realizado de dentro para fora, encontrando no vazio conformado entre as superfícies seu elemento central, como descreve a seguir:

Isso é o que eu estou muito interessado, aquele vazio. Como você cria isso, o faz cheio de atmosfera, adequado ao uso (isso é muito importante), onde nada é uma obstrução, e onde existe somente a verdade. [...] Espaço significa: vazio. O que eu estou interessado é nesse trabalho nos limites, nas bordas desse mistério do vazio. [...] Então, como são as paredes desse vazio; você quer entrar nele; ele lhe dá aconchego, tranquilidade...? Todas essas palavras são um pouco tradicionais (ZUMTHOR, s.d., apud STEC, 2004, tradução nossa).

O princípio adotado por Zumthor não é inédito, porém. Alinhado ao pensamento de August Endell (arquiteto alemão, 1871-1925), ainda em meio ao advento do Art Nouveau, reflete um ponto de vista que se esturava nos primórdios do que se configuraria como o pensamento moderno.

Quem quer que pense em arquitetura sempre pensa inicialmente nos elementos do edifício, nas fachadas, nas colunas, nos ornamentos e, então, tudo aquilo é uma segunda categoria. O que tem mais efeito não é a forma, mas sua inversão; o espaço, o vazio que se espalha ritmicamente entre as paredes é delimitado por elas, e essa vibração é mais importante que as paredes. (ENDELL, 1995 [1896-1925], apud BOHME, 2013, p.23, tradução nossa)

Conforme complementa Böhme no referido texto, a observação traz à luz a mudança trazida pela arquitetura pré-modernista, quando se propõe um novo foco para a arquitetura: do edifício para o corpo, do objeto concebido para o indivíduo que o utiliza, dos objetos arquitetônicos para os espaços conformados.

A decisão, como defendido em Guilhermino (2015, p.198), eleva a arquitetura de interior a um patamar de grande relevância, destacadamente por sua forte influência na vivência daqueles que utilizam o espaço, que nele vivem, trabalham ou simplesmente que o percorrem. Na obra de Zumthor, o protagonismo dessa dimensão se expressa de maneira a reger seu trabalho desde o âmbito conceitual, quando trata da experiência proposta com cada projeto ou da sua obra em geral, à maneira como encara e desenvolve seu processo de projeção, passando ainda pela maneira como apresenta sua produção ao público.

Ao expor seu ponto de vista sobre o que pensa quando reflete sobre arquitetura, não raramente faz menção às suas superfícies internas e seus materiais, aos fluxos dos usuários no espaço conformado, às linhas visuais a serem planejadas e às sensações e reflexões que deseja deflagrar com a atmosfera concebida. Entende, sobretudo, a

relevância que cada elemento constante no espaço, por mais pontual que seja, acaba por exercer no todo, seja por sua presença física ou pelos significados e valores implícitos que traz consigo.

Em seu livro "Atmosferas", Zumthor (2006) discorre sobre aspectos que considera relevantes na composição das atmosferas de seus edifícios e pode ser tratado, aqui, como retrato dos princípios que defende para a disciplina. Trata-se, não de um manual sobre como fazer arquitetura, mas de uma explanação sobre o porquê tais pontos lhe tocam em uma obra, quão transformadores podem ser para o espaço concebido e como os enxerga em seus trabalhos ou em lugares que experienciou.

Alguns desses aspectos, como o som e a temperatura dos espaços, os objetos que lhes circundam, a linha tênue entre o conduzir e o seduzir e a tensão entre os meios interior e exterior são claramente voltados para o ambiente interno. Os demais, destacadamente os que se referem à combinação entre materiais, à luz sobre as coisas e o que chama de *níveis de intimidade*, podem ser aplicados a ambas as esferas.

Sobre o primeiro deles, por exemplo, que denomina "O som de um espaço", Zumthor (2006 [1998], p. 31-33, tradução nossa) inicia dizendo: "Ouça! Interiores são como instrumentos, coletando sons, amplificando-os, transmitindo-os para outros lugares." E complementa: "Existem edifícios que têm sons maravilhosos, me dizendo que posso me sentir em casa, que eu não estou sozinho." O arquiteto reflete sobre a maneira como os diferentes materiais, que geram sons distintos, levam à construção de sensações singulares no usufruto do espaço. Além disso, trata de como os ruídos percebidos em determinados contextos lhe são fontes de memórias, capazes de fazer relacioná-los às experiências vividas e, naturalmente, de estabelecer vínculos com tal lugar. Quando sobre a temperatura dos espaços, destaca não somente as características específicas dos materiais em transmitir ou isolar energia, dando-lhes a sensação de aquecer ou resfriar o meio, mas envereda também por discorrer sobre o ato de "temperar" um ambiente por meio da temperatura que nele percebe. Sobre o termo, refere-se à possibilidade de afinar a temperatura dos espaços – notadamente os interiores – como se faz com um instrumento musical, regulando com precisão a atmosfera do lugar.

A análise de ambos os aspectos se dá claramente a partir do ponto de vista do arquiteto enquanto indivíduo, que usufrui dos espaços como qualquer outra pessoa, mas que, naturalmente, dedica-se a entender as relações intrínsecas ao ambiente de forma mais aprofundada. Não se trata, portanto, de uma análise tecnicista, pensada para nortear cálculos ou teorias engessadas. O relato, claramente posicionado a partir do meio interior, é sobre a dimensão em que o edifício é verdadeiramente vivenciado e passa a tornar-se

significativo para aquele que o experiencia.

O exemplo do edifício do Pavilhão Suíço na Expo 2000, de Hannover (Alemanha) se faz irrefutável neste momento para ambos os aspectos. Descrito como "*Swiss Sound Box*" (Caixa de Som Suíça), o edifício objetivava apresentar esse país na feira e empregou apenas peças de madeira nativas e cabos de aço na sua construção. Para cumprir seu papel, o fez posicionando a música que era desenvolvida em seu interior como elemento central do conceito artístico do projeto (ZUMTHOR, 2014, p.110). Ao final, a obra se fez emblemática para ilustrar o trabalho do arquiteto em relação ao som interior e a atuação do material para prover a sensação de acolhimento e equilíbrio térmico.



Figura 4 – Interior do Swiss Sound Box - Pavilhão da Suíça na Expo 2000, em Hannover, na Alemanha. Fonte: PINTEREST.COM, 2015.

Quando trata do limite entre conduzir e seduzir, sexto ponto levantado no livro, Zumthor discorre sobre como o tema *arquitetura* está relacionado ao movimento. Distinguindo projetos que guiam o indivíduo, como o de um hospital, daqueles que lhe convidam a deambular e enveredar livremente por suas passagens, como se dá nas Termas de Vals, o arquiteto discorre sobre o equilíbrio necessário entre um ou outro estímulo, em função de cada uso.

Na figura a seguir, um esboço que estuda a sequência dos cenários observados pelo usuário das Termas de Vals ilustra como Zumthor planejou esse deambular. No desenho, é possível perceber não somente proporções, texturas e a entrada da luz nos espaços internos, mas aspectos subjetivos são também tratados, quando registra a associação de termos como "*beauty*" (beleza, em inglês) à composição do espaço, destacado no item 5 do croqui.

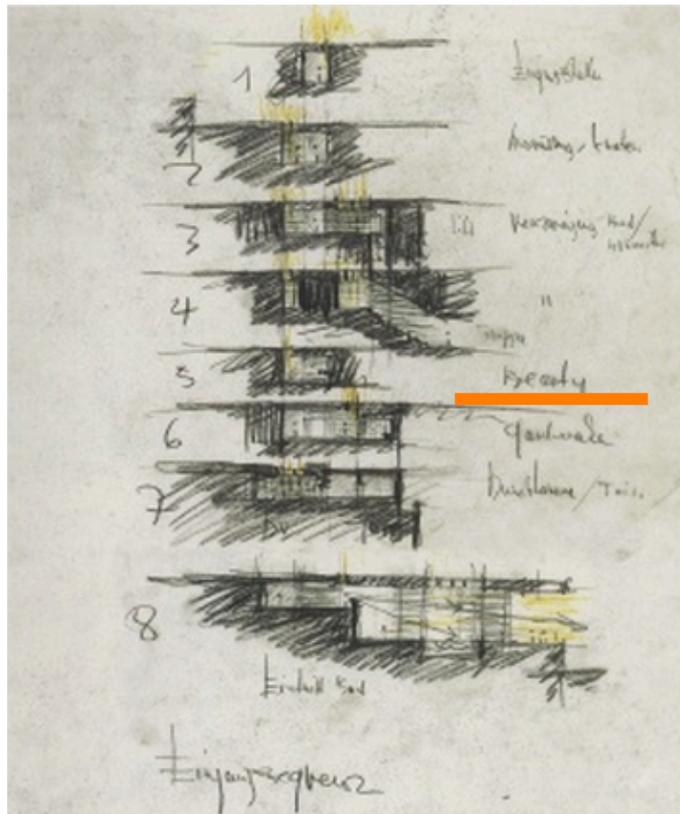


Figura 05 – Fonte: ZUMTHOR, 2014, p. 45, v.2. Editada pela autora

A imagem acima retrata com fidelidade o que o arquiteto descreve no livro, quando diz ter no cinema uma referência para o estudo desse percurso, dada a montagem das sequências das cenas que se realiza nos filmes. Ainda segundo descreve (ZUMTHOR, 2006 [1998], p. 45), este deve ser um percurso natural, mas que encontre doses de orientação, preparação, estimulação, de surpresa agradável e relaxamento.

1.2 PROJETANDO

Passada essa reflexão, faz-se possível compreender como o discurso do arquiteto se mostra posto em prática no seu método de projeção. Conforme será exposto a seguir, o processo de concepção adotado por Zumthor acaba por se desenhar de maneira a planejar, sobretudo, o uso do edifício e as experiências que transcorrerão em seu interior.

Na maioria dos casos, os arquitetos estão acostumados a trabalhar na concepção, nas formas. Eles enxergam uma planta como uma planta, um desenho como um desenho. Eu não estou interessado no papel. Eu procuro arquitetura. Eu quero saber como entrar no desenho para ver a verdade. Eu tenho que me deslocar dentro do mundo desse desenho e esquecer do desenho como tal. (ZUMTHOR, [2015?], apud NIKI, 2010, tradução nossa)

Se descrito de forma extremamente simplista, sem regras expressas sobre a cronologia e a sobreposição de etapas, pode-se dizer que o processo de projeção adotado por Peter Zumthor compreende oito fases: 1. análise do contexto físico; 2. definição de um conceito para o projeto; 3. reflexão sobre imagens mentais que descrevam a atmosfera procurada para o novo lugar; 4. elaboração de croquis; 5. produção de maquetes físicas do edifício, seus interiores e entorno; 6. discussão sobre os materiais e materialidades do projeto; 7. o estudo da forma exterior e, por fim; 8. a elaboração dos desenhos técnicos.

Destas oito fases, portanto, quatro delas – da 3 à 6 – têm expressivo reflexo sobre o planejamento dos espaços interiores. Mais que quantitativa, a relevância desses procedimentos no processo como um todo e a maneira como Zumthor as executa deixam muito claro a pertinência do ponto de vista defendido neste estudo.

No primeiro dos procedimentos destacados no parágrafo anterior, quando o arquiteto reflete sobre *imagens mentais*, Zumthor busca resgatar e apreciar cenas que guarda na memória e que, por algum motivo, lhe tenham tocado. Sobre estas imagens, repetidamente citadas no seu discurso, tratam-se de lembranças de infância, passagens mundanas, ou imagens de lugares quaisquer que lhe vem à mente quando, conforme define em *Pensar Arquitetura* (2006 [1998], p.07), diz ter "experenciado arquitetura sem pensar nisso".

A residência de estudantes da Clausiusstrasse (Rua Claussius), em Zurique, que ilustra a capa do seu livro *Atmosferas* (ZUMTHOR, 2006), é um exemplo de imagem mental que o arquiteto cita. Nestas, estímulos simples, como os cheiros e os reflexos de luz, o remetem à sensação que recorda ter tido quando nesse local, ou que tem ao observar tal imagem. Zumthor procura, então, suscitar novamente as emoções sentidas, recuperando nos projetos recentes os elementos que compõem as antigas memórias, ainda que em distintas apresentações, formas, contextos etc.



Figura 6 – Fonte: ZUMTHOR, 2006.

A partir da reflexão sobre tais lembranças, o arquiteto passa a elaborar croquis que descrevam os novos espaços. Os esboços de desenhos são amplamente empregados não somente para ilustrar ideias esquemáticas sobre os interiores e a volumetria pretendida para o edifício. Ao contrário, são também usados para planejar esquemas de fluxos, de zoneamentos e das visuais alcançadas pelo usuário, além de registrar conceitos textuais relativos às atmosferas em construção.

No exemplo a seguir, um croqui relativo ao projeto das Termas de Vals, apresenta a visual a partir de um dos banhos do spa, acompanhado de um texto que o descreve. Texturas, proporções e a profundidade da visual, ainda que de forma esquemática, permitem a compreensão do interior da edificação sob a ótica de um usuário que dela usufrua.

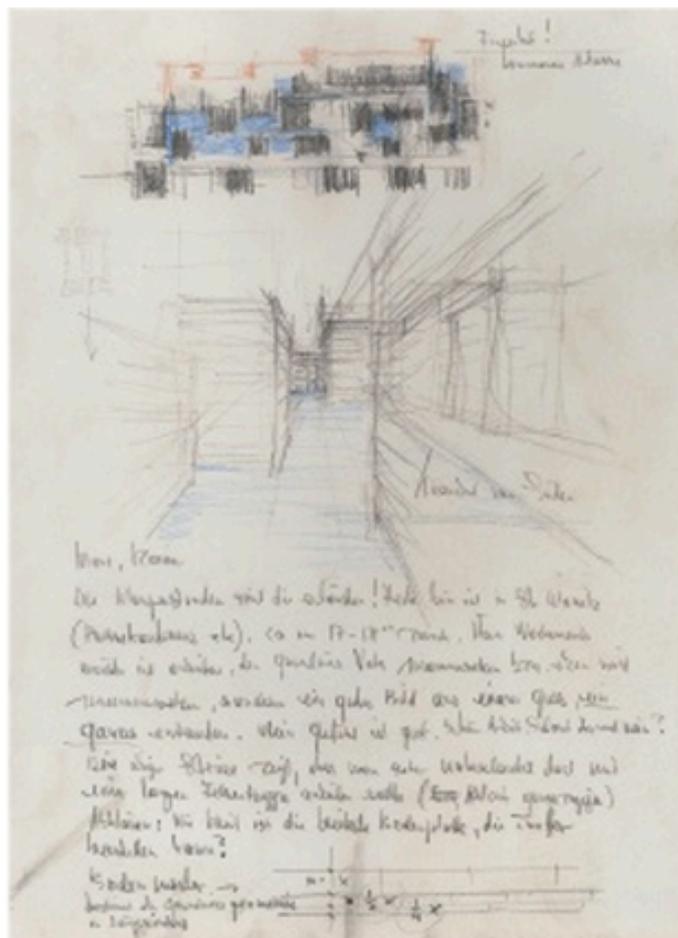


Figura 7: Croqui do projeto das Termas de Vals, com descrição textual da proposta – Fonte: ZUMTHOR, 2014, v.2.

Baseados nos croquis desenvolvidos por Zumthor, sua equipe executa os modelos físicos do projeto. Sejam parciais ou integrais, cada trabalho demanda a construção de várias maquetes, em diferentes escalas. Elas são produzidas em materiais simples, como argila ou concreto e com acabamento pouco refinado. Apesar disso, procuram ser fiéis às sensações

que os elementos do espaço causarão nos usuários: representam, inclusive, os objetos que compõem os espaços, respeitando suas proporções e o peso visual que representam no conjunto.

Dado relevante em relação a esses protótipos é que, quando no estúdio ou em exibição, ficam apoiados sobre cavaletes, elevados à altura dos olhos de um observador. Dessa maneira, alega o arquiteto, os modelos podem ser analisados sob real a ótica do futuro usuário. Além disso, a fim de perceber "a experiência do lugar" (ZUMTHOR, s.d., In: BERTELOOT; PATTEEUW, 2013, p.123), o modelo é posteriormente fotografado desde seu interior, o que elimina a distorção decorrente da escala reduzida.



Figura 08 – Fonte: Site Zumthor Tumblr ZTH, 2016.

A última das fases destacadas anteriormente refere-se à discussão sobre materiais e materialidades dos componentes do espaço. Ainda que se tenha em mente um material a ser empregado desde as etapas mais iniciais, relacionado ao conceito atribuído ao projeto, é neste momento que se discutem detalhes como, por exemplo, composições, paginações e acabamentos que serão empregados. Não menos importante, mas normalmente deixada para um estágio de maior amadurecimento da proposta, esta discussão leva em conta não só o aspecto visual das superfícies, mas também as sensações evocadas por cada elemento, nas suas diversas possíveis apresentações, fator determinante na construção das atmosferas.

Quando tento entender espaço, [o destaque] é sobre os materiais que o compõem, as luzes, o que é o piso, o que é isso, o que é aquilo [diz, apontando para as cortinas, o teto do auditório]. E como isso se vê na luz do dia ou na artificial. Isso é simples, natural, mas é mais misterioso e bonito ao mesmo tempo. Espaço é o vazio que é influenciado por membranas de todos os lados. Esse vazio misterioso de repente se transforma em energia, em atmosfera. É importante também a construção porque é

importante saber como se vai construir. Proporções e formas são a parte mais fácil. A parte mais desafiadora é o trabalho de como criar com esse tipo de material essa presença. (ZUMTHOR, In: AMERICANO DEL SUD, 2015, tradução nossa)

Destaca-se, sobretudo, a extrema simplicidade com que Zumthor trata da aplicação dos materiais e da observação de suas materialidades na passagem acima. Bastante coerente com os princípios que defende para a arquitetura como um todo, de respeito aos sentimentos e às sensações do usuário, aos significados relacionados aos objetos e materiais empregados e à história do lugar, a composição de suas atmosferas se mostra diretamente respaldada por essas reflexões. Procura, como descrito acima, simplesmente imaginar como será cada uma das superfícies que compõem o espaço, pois é exatamente a partir dessa leitura – tanto no seu aspecto físico, mas também no subjetivo – que terá a percepção do todo, da atmosfera concebida.

Um exemplo que ilustra esse tipo de observação é o projeto da Capela de São Benedito, na Vila de Sumvitg, na Suíça, ilustrado a seguir. A estrutura e os revestimentos externos da edificação são de madeira oriunda da região, estruturada sob técnicas vernaculares de construção. Internamente, porém, o recinto único tem as chapas das paredes pintadas em tom prateado e fixadas aos pilares. O brilho das superfícies reflete a luz que adentra o espaço e, segundo Davey (1998), sua distribuição em curva acaba por dissolver os limites do espaço, tornando-o "largo e quase amorfo". É, porém, na combinação da superfície brilhosa com os pilares, opacos e distribuídos regularmente, que se reestabelece a leitura da geometria do edifício. Além disso, não se deve desconsiderar que o emprego do material e das técnicas da região vem carregado de significados relevantes para a população usuária, tornando esta capela um local único para os mesmos.



Figura 09 – Fonte: CAMUS, s.d., apud MERIN, 2013.

Na arquitetura de Zumthor, mais que a tecnologia e o material empregado, ou a imagem que apresenta um projeto, concebe-se um contexto para a vivência de uma experiência. Logo, centrar o processo de projeção em torno do usuário e, por consequência, do ambiente interior – onde se tem os sentimentos mais pessoais com o que é arquitetura, como supracitado – mostra-se determinante e de grande repercussão no resultado obtido.

1.3 O PÓS-PROJETO

Além da maneira como desenvolve os projetos de seus edifícios, a forma como os apresenta pode também ser citada como um último argumento que ratifique o protagonismo dos interiores na obra de Peter Zumthor. Seja por meio de maquetes físicas ou imagens, a apresentação de seus projetos costuma valorizar sobremaneira a condição do ambiente interior. Berteloot e Patteeuw (2013, p.83), exemplificam esta posição comentando sobre uma seção de leitura proferida por Zumthor no Centro Pompidou (Paris, França), em 2011, em que apresentou casos de estudo utilizando apenas vistas internas de seus modelos físicos. Segundo os autores, as referidas imagens "mostram não somente a materialidade de sua arquitetura, mas, referem-se diretamente à experiência do espaço" (idem, tradução nossa).

Em julho de 2013, foi armada uma exposição no Los Angeles County Museum of Art (Los Angeles, EEUU) a fim de apresentar a então proposta de Zumthor para uma reforma do museu. O grande destaque da mostra, visitada pela autora deste artigo, se dava sobre os vários modelos físicos relativos à proposta arquitetônica, dispostos no centro da sala de exposições. Todos estavam dispostos sobre cavaletes de aproximadamente 1,40m de altura, permitindo a visualização do edifício sob a perspectiva de um indivíduo que, de fato, o estivesse percorrendo e usufruindo de sua estrutura. Dois deles, maiores, apresentavam o museu, respectivamente, em meio ao contexto urbano e inserido no lote. Outros cerca de dez modelos, em escala de aproximadamente 1:25, tratavam de seções pontuais do edifício, por meio das quais se podia conhecer seus interiores.

Tal como descrito anteriormente, todos eram de material simples, como concreto e papel pluma, e acabamento rudimentar, deixando inclusive à mostra os alfinetes que prendiam as partes. Apesar disso, não deixavam à desejar no que se refere à percepção da atmosfera do edifício, cumprindo seu papel. Como se percebe por meio das imagens a seguir, todos os modelos permitiam a observação à altura dos olhos do visitante, permitindo-lhes observar os modelos como se realmente estivessem dentro do espaço, numa percepção bastante completa dos elementos que compunham a atmosfera da proposta, como luzes, sombras, texturas e proporções.



Figuras 10 e 11 – Fonte: A autora. Imagens realizadas em 22.07.2013, em visita à exposição "The Presence of the Past: Peter Zumthor Reconsiders LACMA".



Figura 12 – Fonte: Site Best of interiors.com, 2013.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ter o meio interior como elemento central da relação entre arquitetura e indivíduo repercute sobre a obra de Peter Zumthor um conjunto de particularidades, que percorrem seus trabalhos desde seu caráter conceitual até o pós-projeto, quando os apresenta já concluídos. Mais que repercutir sobre seus trabalhos, a valorização do interno, do vazio conformado pelas estruturas construídas, se mostra uma espécie de conceito elementar para o arquiteto, respaldado e frequentemente repetido em seu discurso.

Quando no momento de projeção propriamente dito, o princípio se verifica em ações simples, como o de elevar as maquetes de trabalho à altura dos olhos, permitindo que a obra seja analisada como de fato será encarada na vivência real. Outras práticas, como especular sobre as sensações dos usuários ao longo do percurso no edifício por meio de croquis, mostram ainda como o usufruto do espaço interno é relevante para a concepção do objeto arquitetônico pelo arquiteto.

É importante destacar, porém, que a atenção dedicada aos espaços interiores, analisada por diversas frentes neste estudo, não infere diretamente que eles se sobreponham aos exteriores. Ainda que desprovidos de ornamentos e cuja forma é trabalhada apenas no fim do processo projetual, é sabido que vários aspectos comentados aqui sob a ótica dos ambientes internos, como a escolha dos materiais e as discussões relacionadas a esta etapa projetual, por exemplo, também são aplicáveis para o exterior. Além disso, vistas as restrições que cabem a este estudo, temas como a importância da relação entre interior e exterior, que podem sugerir não haver um protagonismo, mas uma paridade entre ambos os meios, não chegam a ser discutidos. Acreditando-se, porém, que não se esgotam aqui as discussões sobre o tema, este artigo apenas introduz a discussão, que pode ser aprofundada com a leitura da dissertação que o originou.

Um último ponto a se ressaltar como conclusão desta análise refere-se à postura de Zumthor sobre a relevância do espaço interior e a vida que ali transcorre em meio à arquitetura contemporânea. Seu posicionamento aponta para que se discuta sobre a qualidade da arquitetura desenvolvida nos dias atuais e as repercussões que enfrentaremos futuramente em consequência das decisões atuais, questões estas que ficam indicadas para um debate futuro. Afinal, estamos construindo paredes ou espaços? Cascas ou núcleos?

O exemplo de Zumthor, por fim, se estabelece como uma referência na forma de pensar e desenvolver a arquitetura dos dias atuais, ilustrando como produzir pensando no interior é, também, produzir pensando no indivíduo, pensando em nós mesmos.

BIBLIOGRAFIA

AMERICANO DEL SUD. Americano del Sud: Palestra Peter Zumthor. Assunção 2015.

BERTELOOT, M.; PATTEEUW, V. Form/Formless. OASE: Sfeer bouwen | Building Atmosphere. Rotterdam, n. 91, p. 128, 2013.

BEST OF INTERIORS. Best of Interiors. 2013. Disponível em: <<http://www.bestofinteriors.com/decorating-ideas/peter-zumthor-reconsiders-lacma/>>. Acesso em: 29.05 de 2016.

BOHME, G. Atmosphere as mindful physical presence in space. OASE: Sfeer bouwen | Building Atmosphere. Rotterdam, n. 91, p. 21-32, 2013.

DAVEY, P. Zumthor the shaman. The Architectural Review, <http://www.thefreelibrary.com/Zumthor+the+shaman.-a021269556>, 1998. Disponível em: Acesso em 01 de agosto de 2014.

GUILHERMINO, L. A. Atmosferas arquitetônicas: projeto e percepção na obra de Peter Zumthor. 2015. 213 f. (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN, 2015.

KUNSTHAUS BREGENZ. Kunsthaus Bregenz. Bregenz, 2013. Disponível em:
<<http://www.kunsthaus-bregenz.at/>>. Acesso em: 17/03 de 2015.

MERIN, G. AD Classics: Saint Benedict Chapel / Peter Zumthor., 2013. Disponível em:
<<http://www.archdaily.com/?p=418996>>. Acesso em: Agosto de 2014.

PINTEREST.COM. Pinterest. São Francisco, 2015. Acesso em: s.d. de 2015.

STEC, B. A Conversation with Peter Zumthor. Casabella. Milão, n. 719, 2004.

URSPRUNG, P. Earthworks: The Architecture of Peter Zumthor. 2009. Disponível em:
<<http://www.pritzkerprize.com/2009/essay>>. Acesso em 17 de julho de 2014.

ZUMTHOR, C. ZTH Tumbler. ZTH Tumbler, 2012. Disponível em:
<<http://zumthor.tumblr.com>>. de 2014.

ZUMTHOR, P. Atmosferas: Entornos arquitetônicos – As coisas que me rodeiam. Barcelona:
Gustavo Gili, 2006.

_____. Pensar a arquitetura. 2 ed. Basileia / Boston / Berlim: Birkhauser Verlag, 2006
[1998]. 95 p.

_____. PETER ZUMTHOR 1985–2013: Buildings and Projects. 01 ed. Zurique:
Scheidegger & Spiess, 2014. v. 02. 157 p.

IV enanparq

Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
Porto Alegre, 25 a 29 de Julho de 2016

AS ATMOSFERAS ARQUITETÔNICAS DE PETER ZUMTHOR: uma arquitetura de dentro para fora

SESSÃO TEMÁTICA: VIDA INTERIOR

GUILHERMINO, Leila Araújo
Professora do Departamento de Arquitetura - UFRN. Mestre em Arquitetura e Urbanismo -
PPGAU-UFRN
leilaguilhermino@yahoo.com.br

AS ATMOSFERAS ARQUITETÔNICAS DE PETER ZUMTHOR: UMA ARQUITETURA DE DENTRO PARA FORA

RESUMO

À totalidade dos aspectos que compõem a qualidade dos ambientes dá-se o nome de atmosfera arquitetônica, conceito chave para a compreensão da obra do arquiteto suíço Peter Zumthor. Segundo defende este, a arquitetura apenas cumpre seu papel ao emocionar seu usuário, missão que leva à cabo desenvolvendo uma obra cujas qualidades espaciais procuram expressar seu *genius loci*. Para tanto, a riqueza de sentidos envolvidos na percepção do ambiente conformado e as reflexões deflagradas pela composição espacial revelam a complexa trama de elementos arquitetônicos, que expressa desde aspectos históricos-geográficos a técnicos e artísticos relacionados ao lugar. Traço destacado na sua ação projetual está na compreensão de que o interior é a esfera onde as pessoas promovem mais vínculos com o espaço e, por consequência, de onde inicia seu processo de projeção. Zumthor alega trabalhar num processo escavatório de dentro para fora, em que o vazio e as superfícies que o conformam são elementos protagonistas, negligenciando aos momentos finais a questão da forma exterior. Além disso, quando apresenta seus edifícios, costuma fazê-lo por meio de maquetes ou imagens internas, numa evidente valorização da dimensão interior no resultado de seu trabalho. Reconhecendo a *práxis* de excelência desenvolvida por esse arquiteto e sua influência no cenário arquitetônico contemporâneo, este *paper* dedica-se principalmente a analisar o protagonismo que os espaços interiores recebem na sua obra. Como objetivos secundários, visa identificar e discutir os procedimentos metodológicos de seu processo projetual que refletem essa relação de importância; debater sobre como justifica tal ponto de vista em seu discurso e a repercussão deste aspecto em sua obra. O trabalho consiste em uma pesquisa bibliográfica e documental, recorte da dissertação "Atmosferas arquitetônicas: projeto e percepção na obra de Peter Zumthor", apresentada ao PPGAU-UFRN, sob orientação do Prof. Dr. George Dantas e apoio da CAPES.

Palavras-chave: Atmosferas arquitetônicas. Peter Zumthor. Arquitetura fenomenológica.

PETER ZUMTHOR ARCHITECTURAL ATMOSPHERES: AN ARCHITECTURE FROM INSIDE TO OUTSIDE

ABSTRACT

The totality of aspects that composes the environmental character is called architectural atmosphere, a key concept to comprehend Peter Zumthor's work. In accordance of him, architecture just achieves its goals when it touches its users, mission he takes developing works which spatial qualities expresses its *genius loci*. In this way, the abundance of senses related to the shaped environment perception and the reflections sparked by the spatial composition unveils the complex net of architectural elements that expresses since historical-geographic until technical and artistic aspects related to the place. Features about his work the comprehension that interiors are where people have more feelings with space and, because of this, from where he starts his design process. Zumthor says he works on an excavation process, from inside to outside, where the emptiness and the surfaces that shape it are the main elements, leaving to the end the exterior form issue. Besides that, when presents his buildings, he uses models or interior images, in a clear appreciation of the interior dimension over his production.

Acknowledging the excellence *práxis* took by this architect and his influence over the contemporary architectural scene, this paper dedicates to analyze and discuss the main place the interior spaces have in his work. As minor aims, it tries to identify and discuss the methodological procedures in his design process that reflects this importance relationship; analyses how he justifies his point of view in his speech and the repercussion of this issue in his work. This paper is a documental and bibliography research, part of the thesis "Architectural Atmospheres: Project and perception in Peter Zumthor's work", developed on PPGAU-UFRN, tutored by Professor Dr. George Alexandre Ferreira Dantas and sponsored by CAPES.

Keywords: Architectural atmospheres. Peter Zumthor. Phenomenological architecture.

1. PETER ZUMTHOR, FENOMENOLOGIA E AS ATMOSFERAS ARQUITETÔNICAS

Compreender a obra do arquiteto Peter Zumthor passa, inicialmente, por reconhecer sua visão fenomenológica sobre a arquitetura – posição esta declarada pelo próprio arquiteto¹ – e entender a repercussão deste aspecto sobre a maneira com que desempenha seu trabalho.

Centrado na ideia de conceber mais que objetos edificados, mas lugares dotados do que chama de *atmosferas arquitetônicas*, Zumthor se volta à tarefa de compor espaços que emocionem seus usuários. Esse conceito, definido por Guilhermino (2015) como a condição ou característica complexa, influenciada por todos os aspectos que compõem um ambiente – seja ele interior ou exterior a uma edificação – e que são percebidos por seu usuário. Fruto de uma experiência corporal integral, diga-se, a percepção da atmosfera soma os estímulos físicos sobre o corpo às memórias, sensibilidades e particularidades do indivíduo, levando-lhe a atribuir uma identidade a esse lugar.

Assim, sobre a arquitetura desenvolvida por Zumthor, pode-se dizer que ela transcende às dimensões técnicas e funcionais do edificar. Debruça-se, ainda, sobre questões histórico-geográficas, culturais e paisagísticas do lugar, bem como às relativas ao comportamento e aos sentidos do usuário.

Peter Zumthor está entre aqueles arquitetos que consideram mais que o aspecto visual de um projeto. Para ele, não é importante somente como um piso, degrau, parede, ambiente ou fachada se apresentam, mas também como eles são sentidos quando alguém os toca com as pontas de seus dedos, ou como elas cheiram, como ressoam e soam e que tipo de associações, imagens mentais, expectativas e memórias eles evocam. Seus edifícios sempre giram em torno da relação entre o corpo humano e seu ambiente e da maneira com que o indivíduo experiencia situações muito específicas. (URSPRUNG, 2009, tradução nossa)

As palavras de Ursprung sobre a obra de Peter Zumthor se deram na entrega do Prêmio Pritzker, em 2009, dedicado ao suíço. Elas ilustram não só o reconhecimento sobre o trabalho do profissional no cenário contemporâneo, mas também o complexo arranjo de elementos e estímulos, de naturezas diversas, empregados a fim de conceber uma arquitetura capaz de expressar seu *genius loci* e cumprir o papel que lhe cabe, conforme acredita o arquiteto.

¹ Informação obtida na conferência ministrada por Peter Zumthor no evento "Americano del Sud", em 17 de abril de 2015, na cidade de Assunção - Uruguai.

Além de seu ponto de vista sobre a arquitetura e sobre o fazer arquitetônico, a observação da obra de Peter Zumthor permite destacar a importância que esse arquiteto atribui à dimensão interior em seus projetos. Segundo o mesmo, "os sentimentos mais pessoais com o que é arquitetura são, em geral, com espaços interiores" (ZUMTHOR, In: AMERICANO DEL SUD, 2015, tradução nossa). Observar sua obra e a arquitetura contemporânea sob este prisma, então, reforçam sobremaneira a necessidade da aplicação criteriosa da arquitetura de interiores nos espaços concebidos pela disciplina.

Corroborando com o que disse Zumthor acima, no tocante aos espaços internos, entende-se, para este estudo, que se trata do meio com que o indivíduo costuma relacionar-se em maior intensidade, no qual deposita seus sentimentos em maior grau, com o qual se identifica e cria vínculos de maneira mais contundente. Logo, se a arquitetura é desenvolvida para pessoas, deve estar atenta à relevância desta esfera, dedicando-se a construir espaços que, sobretudo, contribuam para uma melhor qualidade de vida de seus usuários.

Em meio a esse contexto, reconhecendo a práxis de excelência desenvolvida por Zumthor e sua influência no cenário arquitetônico contemporâneo, este artigo se propõe principalmente a discutir sobre o protagonismo atribuído ao meio interior na sua obra. Intenso, seu vínculo com o espaço conformado pelas estruturas construídas se expressa de maneira a reger o desenvolvimento do seu trabalho desde seu aspecto conceitual à apresentação de sua obra concluída.

Como objetivos secundários, visa identificar e analisar os procedimentos metodológicos de seu processo projetual que refletem essa relação de importância; debater sobre como o arquiteto justifica tal ponto de vista em seu discurso e, por fim, identificar em sua obra exemplos que ilustrem a repercussão deste vínculo.

Este artigo consiste em uma pesquisa bibliográfica e documental, realizada a partir da leitura de livros e depoimentos de autoria do arquiteto e palestras por ele proferidas. Além disso, conta também com a análise de imagens e projetos de suas obras, disponíveis nas fontes supracitadas e da visitação pela autora da exposição "The Presence of the Past: Peter Zumthor Reconsiders LACMA", em Los Angeles (EUA), em julho de 2013. Trata-se, ainda, de um recorte da dissertação "Atmosferas arquitetônicas: projeto e percepção na obra de Peter Zumthor", apresentada ao PPGAU-UFRN no ano de 2015, sob orientação do Prof. Dr. George Dantas e apoio da CAPES.

2. DE DENTRO PARA FORA

1.1 ANALISANDO SEU DISCURSO E OBSERVANDO SUA OBRA

Uma observação superficial da obra de Peter Zumthor, meramente visualizando seus projetos desde o exterior, permite facilmente perceber a reincidência de uma volumetria trabalhada com o mínimo de elementos, de geometria prismática retangular, principalmente horizontal, sem adornos ou recortes. Exemplos claros dessa condição podem ser o Pavilhão da Serpentine Gallery (Inglaterra, 2011), as Termas de Vals (Suíça, 2009), o Kunsthaus Bregenz Museum (Áustria, 2013).



Figura 1 – Pavilhão da Serpentine Gallery, do ano de 2011 (Londres, Reino Unido).
Fonte: Hufton & Crow, 2011.
Disponibilizado pela Serpentine Gallery.



Figura 2 – Termas de Vals, Vals (Suíça), de Peter Zumthor. Fonte: PINTEREST, 2015



Figura 3 – Museu Kunsthaus-bregenz, na Áustria. Fonte: KUNSTHAUS BREGENZ, 2013

Ainda que longe de argumentar que o desprovemento de adornos nas suas volumetrias refletem uma ausência de significado destas, Zumthor defende que a forma é, na verdade, consequência de um processo projetual que considera todos os elementos do espaço conformado – como os ruídos, os materiais, as técnicas de construção, o lugar e a maneira como o espaço será utilizado (ZUMTHOR, 2006, p.71.). Para o mesmo, ela não deve apresentar, portanto, aspecto escultórico, sob o argumento de que poderia vir a se tornar o único e grande atrativo de sua arquitetura. Ao contrário, acaba por descrever seu trabalho

num processo quase escavatório, realizado de dentro para fora, encontrando no vazio conformado entre as superfícies seu elemento central, como descreve a seguir:

Isso é o que eu estou muito interessado, aquele vazio. Como você cria isso, o faz cheio de atmosfera, adequado ao uso (isso é muito importante), onde nada é uma obstrução, e onde existe somente a verdade. [...] Espaço significa: vazio. O que eu estou interessado é nesse trabalho nos limites, nas bordas desse mistério do vazio. [...] Então, como são as paredes desse vazio; você quer entrar nele; ele lhe dá aconchego, tranquilidade...? Todas essas palavras são um pouco tradicionais (ZUMTHOR, s.d., apud STEC, 2004, tradução nossa).

O princípio adotado por Zumthor não é inédito, porém. Alinhado ao pensamento de August Endell (arquiteto alemão, 1871-1925), ainda em meio ao advento do Art Nouveau, reflete um ponto de vista que se esturava nos primórdios do que se configuraria como o pensamento moderno.

Quem quer que pense em arquitetura sempre pensa inicialmente nos elementos do edifício, nas fachadas, nas colunas, nos ornamentos e, então, tudo aquilo é uma segunda categoria. O que tem mais efeito não é a forma, mas sua inversão; o espaço, o vazio que se espalha ritmicamente entre as paredes é delimitado por elas, e essa vibração é mais importante que as paredes. (ENDELL, 1995 [1896-1925], apud BOHME, 2013, p.23, tradução nossa)

Conforme complementa Böhme no referido texto, a observação traz à luz a mudança trazida pela arquitetura pré-modernista, quando se propõe um novo foco para a arquitetura: do edifício para o corpo, do objeto concebido para o indivíduo que o utiliza, dos objetos arquitetônicos para os espaços conformados.

A decisão, como defendido em Guilhermino (2015, p.198), eleva a arquitetura de interior a um patamar de grande relevância, destacadamente por sua forte influência na vivência daqueles que utilizam o espaço, que nele vivem, trabalham ou simplesmente que o percorrem. Na obra de Zumthor, o protagonismo dessa dimensão se expressa de maneira a reger seu trabalho desde o âmbito conceitual, quando trata da experiência proposta com cada projeto ou da sua obra em geral, à maneira como encara e desenvolve seu processo de projeção, passando ainda pela maneira como apresenta sua produção ao público.

Ao expor seu ponto de vista sobre o que pensa quando reflete sobre arquitetura, não raramente faz menção às suas superfícies internas e seus materiais, aos fluxos dos usuários no espaço conformado, às linhas visuais a serem planejadas e às sensações e reflexões que deseja deflagrar com a atmosfera concebida. Entende, sobretudo, a

relevância que cada elemento constante no espaço, por mais pontual que seja, acaba por exercer no todo, seja por sua presença física ou pelos significados e valores implícitos que traz consigo.

Em seu livro "Atmosferas", Zumthor (2006) discorre sobre aspectos que considera relevantes na composição das atmosferas de seus edifícios e pode ser tratado, aqui, como retrato dos princípios que defende para a disciplina. Trata-se, não de um manual sobre como fazer arquitetura, mas de uma explanação sobre o porquê tais pontos lhe tocam em uma obra, quão transformadores podem ser para o espaço concebido e como os enxerga em seus trabalhos ou em lugares que experienciou.

Alguns desses aspectos, como o som e a temperatura dos espaços, os objetos que lhes circundam, a linha tênue entre o conduzir e o seduzir e a tensão entre os meios interior e exterior são claramente voltados para o ambiente interno. Os demais, destacadamente os que se referem à combinação entre materiais, à luz sobre as coisas e o que chama de *níveis de intimidade*, podem ser aplicados a ambas as esferas.

Sobre o primeiro deles, por exemplo, que denomina "O som de um espaço", Zumthor (2006 [1998], p. 31-33, tradução nossa) inicia dizendo: "Ouça! Interiores são como instrumentos, coletando sons, amplificando-os, transmitindo-os para outros lugares." E complementa: "Existem edifícios que têm sons maravilhosos, me dizendo que posso me sentir em casa, que eu não estou sozinho." O arquiteto reflete sobre a maneira como os diferentes materiais, que geram sons distintos, levam à construção de sensações singulares no usufruto do espaço. Além disso, trata de como os ruídos percebidos em determinados contextos lhe são fontes de memórias, capazes de fazer relacioná-los às experiências vividas e, naturalmente, de estabelecer vínculos com tal lugar. Quando sobre a temperatura dos espaços, destaca não somente as características específicas dos materiais em transmitir ou isolar energia, dando-lhes a sensação de aquecer ou resfriar o meio, mas envereda também por discorrer sobre o ato de "temperar" um ambiente por meio da temperatura que nele percebe. Sobre o termo, refere-se à possibilidade de afinar a temperatura dos espaços – notadamente os interiores – como se faz com um instrumento musical, regulando com precisão a atmosfera do lugar.

A análise de ambos os aspectos se dá claramente a partir do ponto de vista do arquiteto enquanto indivíduo, que usufrui dos espaços como qualquer outra pessoa, mas que, naturalmente, dedica-se a entender as relações intrínsecas ao ambiente de forma mais aprofundada. Não se trata, portanto, de uma análise tecnicista, pensada para nortear cálculos ou teorias engessadas. O relato, claramente posicionado a partir do meio interior, é sobre a dimensão em que o edifício é verdadeiramente vivenciado e passa a tornar-se

significativo para aquele que o experiencia.

O exemplo do edifício do Pavilhão Suíço na Expo 2000, de Hannover (Alemanha) se faz irrefutável neste momento para ambos os aspectos. Descrito como "*Swiss Sound Box*" (Caixa de Som Suíça), o edifício objetivava apresentar esse país na feira e empregou apenas peças de madeira nativas e cabos de aço na sua construção. Para cumprir seu papel, o fez posicionando a música que era desenvolvida em seu interior como elemento central do conceito artístico do projeto (ZUMTHOR, 2014, p.110). Ao final, a obra se fez emblemática para ilustrar o trabalho do arquiteto em relação ao som interior e a atuação do material para prover a sensação de acolhimento e equilíbrio térmico.



Figura 4 – Interior do Swiss Sound Box - Pavilhão da Suíça na Expo 2000, em Hannover, na Alemanha. Fonte: PINTEREST.COM, 2015.

Quando trata do limite entre conduzir e seduzir, sexto ponto levantado no livro, Zumthor discorre sobre como o tema *arquitetura* está relacionado ao movimento. Distinguindo projetos que guiam o indivíduo, como o de um hospital, daqueles que lhe convidam a deambular e enveredar livremente por suas passagens, como se dá nas Termas de Vals, o arquiteto discorre sobre o equilíbrio necessário entre um ou outro estímulo, em função de cada uso.

Na figura a seguir, um esboço que estuda a sequência dos cenários observados pelo usuário das Termas de Vals ilustra como Zumthor planejou esse deambular. No desenho, é possível perceber não somente proporções, texturas e a entrada da luz nos espaços internos, mas aspectos subjetivos são também tratados, quando registra a associação de termos como "*beauty*" (beleza, em inglês) à composição do espaço, destacado no item 5 do croqui.

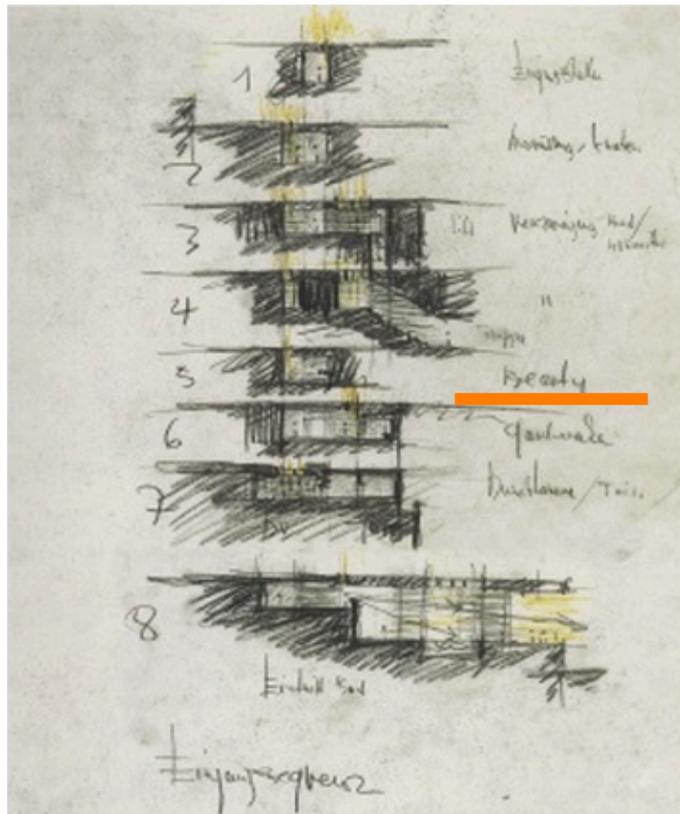


Figura 05 – Fonte: ZUMTHOR, 2014, p. 45, v.2. Editada pela autora

A imagem acima retrata com fidelidade o que o arquiteto descreve no livro, quando diz ter no cinema uma referência para o estudo desse percurso, dada a montagem das sequências das cenas que se realiza nos filmes. Ainda segundo descreve (ZUMTHOR, 2006 [1998], p. 45), este deve ser um percurso natural, mas que encontre doses de orientação, preparação, estimulação, de surpresa agradável e relaxamento.

1.2 PROJETANDO

Passada essa reflexão, faz-se possível compreender como o discurso do arquiteto se mostra posto em prática no seu método de projeção. Conforme será exposto a seguir, o processo de concepção adotado por Zumthor acaba por se desenhar de maneira a planejar, sobretudo, o uso do edifício e as experiências que transcorrerão em seu interior.

Na maioria dos casos, os arquitetos estão acostumados a trabalhar na concepção, nas formas. Eles enxergam uma planta como uma planta, um desenho como um desenho. Eu não estou interessado no papel. Eu procuro arquitetura. Eu quero saber como entrar no desenho para ver a verdade. Eu tenho que me deslocar dentro do mundo desse desenho e esquecer do desenho como tal. (ZUMTHOR, [2015?], apud NIKI, 2010, tradução nossa)

Se descrito de forma extremamente simplista, sem regras expressas sobre a cronologia e a sobreposição de etapas, pode-se dizer que o processo de projeção adotado por Peter Zumthor compreende oito fases: 1. análise do contexto físico; 2. definição de um conceito para o projeto; 3. reflexão sobre imagens mentais que descrevam a atmosfera procurada para o novo lugar; 4. elaboração de croquis; 4. produção de maquetes físicas do edifício, seus interiores e entorno; 6. discussão sobre os materiais e materialidades do projeto; 7. o estudo da forma exterior e, por fim; 8. a elaboração dos desenhos técnicos.

Destas oito fases, portanto, quatro delas – da 3 à 6 – têm expressivo reflexo sobre o planejamento dos espaços interiores. Mais que quantitativa, a relevância desses procedimentos no processo como um todo e a maneira como Zumthor as executa deixam muito claro a pertinência do ponto de vista defendido neste estudo.

No primeiro dos procedimentos destacados no parágrafo anterior, quando o arquiteto reflete sobre *imagens mentais*, Zumthor busca resgatar e apreciar cenas que guarda na memória e que, por algum motivo, lhe tenham tocado. Sobre estas imagens, repetidamente citadas no seu discurso, tratam-se de lembranças de infância, passagens mundanas, ou imagens de lugares quaisquer que lhe vem à mente quando, conforme define em *Pensar Arquitetura* (2006 [1998], p.07), diz ter "experenciado arquitetura sem pensar nisso".

A residência de estudantes da Clausiusstrasse (Rua Claussius), em Zurique, que ilustra a capa do seu livro *Atmosferas* (ZUMTHOR, 2006), é um exemplo de imagem mental que o arquiteto cita. Nestas, estímulos simples, como os cheiros e os reflexos de luz, o remetem à sensação que recorda ter tido quando nesse local, ou que tem ao observar tal imagem. Zumthor procura, então, suscitar novamente as emoções sentidas, recuperando nos projetos recentes os elementos que compõem as antigas memórias, ainda que em distintas apresentações, formas, contextos etc.



Figura 6 – Fonte: ZUMTHOR, 2006.

A partir da reflexão sobre tais lembranças, o arquiteto passa a elaborar croquis que descrevam os novos espaços. Os esboços de desenhos são amplamente empregados não somente para ilustrar ideias esquemáticas sobre os interiores e a volumetria pretendida para o edifício. Ao contrário, são também usados para planejar esquemas de fluxos, de zoneamentos e das visuais alcançadas pelo usuário, além de registrar conceitos textuais relativos às atmosferas em construção.

No exemplo a seguir, um croqui relativo ao projeto das Termas de Vals, apresenta a visual a partir de um dos banhos do spa, acompanhado de um texto que o descreve. Texturas, proporções e a profundidade da visual, ainda que de forma esquemática, permitem a compreensão do interior da edificação sob a ótica de um usuário que dela usufrua.

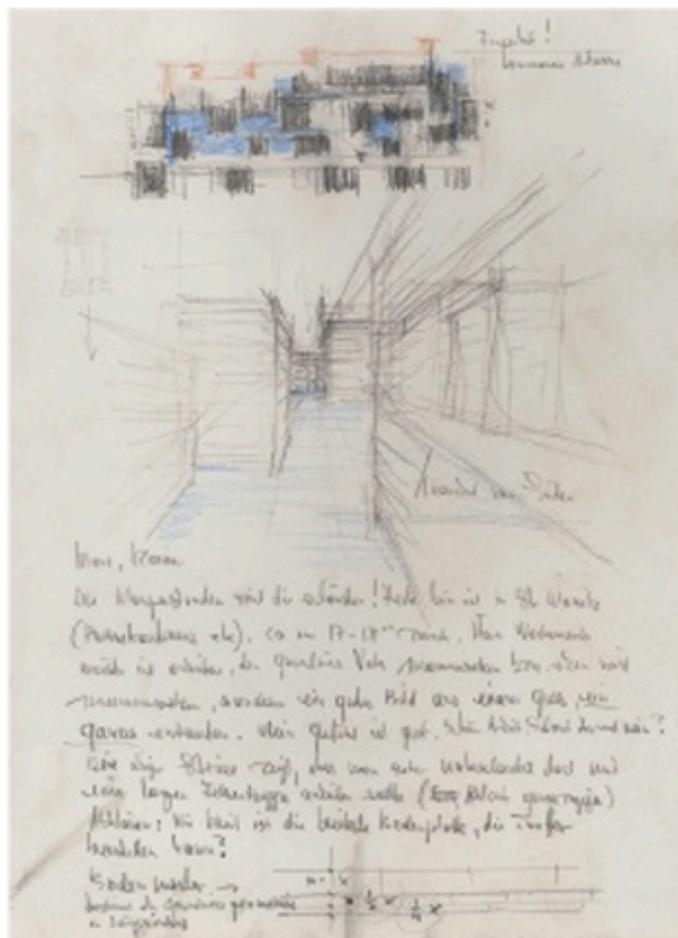


Figura 7: Croqui do projeto das Termas de Vals, com descrição textual da proposta – Fonte: ZUMTHOR, 2014, v.2.

Baseados nos croquis desenvolvidos por Zumthor, sua equipe executa os modelos físicos do projeto. Sejam parciais ou integrais, cada trabalho demanda a construção de várias maquetes, em diferentes escalas. Elas são produzidas em materiais simples, como argila ou concreto e com acabamento pouco refinado. Apesar disso, procuram ser fiéis às sensações

que os elementos do espaço causarão nos usuários: representam, inclusive, os objetos que compõem os espaços, respeitando suas proporções e o peso visual que representam no conjunto.

Dado relevante em relação a esses protótipos é que, quando no estúdio ou em exibição, ficam apoiados sobre cavaletes, elevados à altura dos olhos de um observador. Dessa maneira, alega o arquiteto, os modelos podem ser analisados sob real a ótica do futuro usuário. Além disso, a fim de perceber "a experiência do lugar" (ZUMTHOR, s.d., In: BERTELOOT; PATTEEUW, 2013, p.123), o modelo é posteriormente fotografado desde seu interior, o que elimina a distorção decorrente da escala reduzida.



Figura 08 – Fonte: Site Zumthor Tumblr ZTH, 2016.

A última das fases destacadas anteriormente refere-se à discussão sobre materiais e materialidades dos componentes do espaço. Ainda que se tenha em mente um material a ser empregado desde as etapas mais iniciais, relacionado ao conceito atribuído ao projeto, é neste momento que se discutem detalhes como, por exemplo, composições, paginações e acabamentos que serão empregados. Não menos importante, mas normalmente deixada para um estágio de maior amadurecimento da proposta, esta discussão leva em conta não só o aspecto visual das superfícies, mas também as sensações evocadas por cada elemento, nas suas diversas possíveis apresentações, fator determinante na construção das atmosferas.

Quando tento entender espaço, [o destaque] é sobre os materiais que o compõem, as luzes, o que é o piso, o que é isso, o que é aquilo [diz, apontando para as cortinas, o teto do auditório]. E como isso se vê na luz do dia ou na artificial. Isso é simples, natural, mas é mais misterioso e bonito ao mesmo tempo. Espaço é o vazio que é influenciado por membranas de todos os lados. Esse vazio misterioso de repente se transforma em energia, em atmosfera. É importante também a construção porque é

importante saber como se vai construir. Proporções e formas são a parte mais fácil. A parte mais desafiadora é o trabalho de como criar com esse tipo de material essa presença. (ZUMTHOR, In: AMERICANO DEL SUD, 2015, tradução nossa)

Destaca-se, sobretudo, a extrema simplicidade com que Zumthor trata da aplicação dos materiais e da observação de suas materialidades na passagem acima. Bastante coerente com os princípios que defende para a arquitetura como um todo, de respeito aos sentimentos e às sensações do usuário, aos significados relacionados aos objetos e materiais empregados e à história do lugar, a composição de suas atmosferas se mostra diretamente respaldada por essas reflexões. Procura, como descrito acima, simplesmente imaginar como será cada uma das superfícies que compõem o espaço, pois é exatamente a partir dessa leitura – tanto no seu aspecto físico, mas também no subjetivo – que terá a percepção do todo, da atmosfera concebida.

Um exemplo que ilustra esse tipo de observação é o projeto da Capela de São Benedito, na Vila de Sumvitg, na Suíça, ilustrado a seguir. A estrutura e os revestimentos externos da edificação são de madeira oriunda da região, estruturada sob técnicas vernaculares de construção. Internamente, porém, o recinto único tem as chapas das paredes pintadas em tom prateado e fixadas aos pilares. O brilho das superfícies reflete a luz que adentra o espaço e, segundo Davey (1998), sua distribuição em curva acaba por dissolver os limites do espaço, tornando-o "largo e quase amorfo". É, porém, na combinação da superfície brilhosa com os pilares, opacos e distribuídos regularmente, que se reestabelece a leitura da geometria do edifício. Além disso, não se deve desconsiderar que o emprego do material e das técnicas da região vem carregado de significados relevantes para a população usuária, tornando esta capela um local único para os mesmos.



Figura 09 – Fonte: CAMUS, s.d., apud MERIN, 2013.

Na arquitetura de Zumthor, mais que a tecnologia e o material empregado, ou a imagem que apresenta um projeto, concebe-se um contexto para a vivência de uma experiência. Logo, centrar o processo de projeção em torno do usuário e, por consequência, do ambiente interior – onde se tem os sentimentos mais pessoais com o que é arquitetura, como supracitado – mostra-se determinante e de grande repercussão no resultado obtido.

1.3 O PÓS-PROJETO

Além da maneira como desenvolve os projetos de seus edifícios, a forma como os apresenta pode também ser citada como um último argumento que ratifique o protagonismo dos interiores na obra de Peter Zumthor. Seja por meio de maquetes físicas ou imagens, a apresentação de seus projetos costuma valorizar sobremaneira a condição do ambiente interior. Berteloot e Patteeuw (2013, p.83), exemplificam esta posição comentando sobre uma seção de leitura proferida por Zumthor no Centro Pompidou (Paris, França), em 2011, em que apresentou casos de estudo utilizando apenas vistas internas de seus modelos físicos. Segundo os autores, as referidas imagens "mostram não somente a materialidade de sua arquitetura, mas, referem-se diretamente à experiência do espaço" (idem, tradução nossa).

Em julho de 2013, foi armada uma exposição no Los Angeles County Museum of Art (Los Angeles, EEUU) a fim de apresentar a então proposta de Zumthor para uma reforma do museu. O grande destaque da mostra, visitada pela autora deste artigo, se dava sobre os vários modelos físicos relativos à proposta arquitetônica, dispostos no centro da sala de exposições. Todos estavam dispostos sobre cavaletes de aproximadamente 1,40m de altura, permitindo a visualização do edifício sob a perspectiva de um indivíduo que, de fato, o estivesse percorrendo e usufruindo de sua estrutura. Dois deles, maiores, apresentavam o museu, respectivamente, em meio ao contexto urbano e inserido no lote. Outros cerca de dez modelos, em escala de aproximadamente 1:25, tratavam de seções pontuais do edifício, por meio das quais se podia conhecer seus interiores.

Tal como descrito anteriormente, todos eram de material simples, como concreto e papel pluma, e acabamento rudimentar, deixando inclusive à mostra os alfinetes que prendiam as partes. Apesar disso, não deixavam à desejar no que se refere à percepção da atmosfera do edifício, cumprindo seu papel. Como se percebe por meio das imagens a seguir, todos os modelos permitiam a observação à altura dos olhos do visitante, permitindo-lhes observar os modelos como se realmente estivessem dentro do espaço, numa percepção bastante completa dos elementos que compunham a atmosfera da proposta, como luzes, sombras, texturas e proporções.



Figuras 10 e 11 – Fonte: A autora. Imagens realizadas em 22.07.2013, em visita à exposição "The Presence of the Past: Peter Zumthor Reconsiders LACMA".



Figura 12 – Fonte: Site Best of interiors.com, 2013.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ter o meio interior como elemento central da relação entre arquitetura e indivíduo repercute sobre a obra de Peter Zumthor um conjunto de particularidades, que percorrem seus trabalhos desde seu caráter conceitual até o pós-projeto, quando os apresenta já concluídos. Mais que repercutir sobre seus trabalhos, a valorização do interno, do vazio conformado pelas estruturas construídas, se mostra uma espécie de conceito elementar para o arquiteto, respaldado e frequentemente repetido em seu discurso.

Quando no momento de projeção propriamente dito, o princípio se verifica em ações simples, como o de elevar as maquetes de trabalho à altura dos olhos, permitindo que a obra seja analisada como de fato será encarada na vivência real. Outras práticas, como especular sobre as sensações dos usuários ao longo do percurso no edifício por meio de croquis, mostram ainda como o usufruto do espaço interno é relevante para a concepção do objeto arquitetônico pelo arquiteto.

É importante destacar, porém, que a atenção dedicada aos espaços interiores, analisada por diversas frentes neste estudo, não infere diretamente que eles se sobreponham aos exteriores. Ainda que desprovidos de ornamentos e cuja forma é trabalhada apenas no fim do processo projetual, é sabido que vários aspectos comentados aqui sob a ótica dos ambientes internos, como a escolha dos materiais e as discussões relacionadas a esta etapa projetual, por exemplo, também são aplicáveis para o exterior. Além disso, vistas as restrições que cabem a este estudo, temas como a importância da relação entre interior e exterior, que podem sugerir não haver um protagonismo, mas uma paridade entre ambos os meios, não chegam a ser discutidos. Acreditando-se, porém, que não se esgotam aqui as discussões sobre o tema, este artigo apenas introduz a discussão, que pode ser aprofundada com a leitura da dissertação que o originou.

Um último ponto a se ressaltar como conclusão desta análise refere-se à postura de Zumthor sobre a relevância do espaço interior e a vida que ali transcorre em meio à arquitetura contemporânea. Seu posicionamento aponta para que se discuta sobre a qualidade da arquitetura desenvolvida nos dias atuais e as repercussões que enfrentaremos futuramente em consequência das decisões atuais, questões estas que ficam indicadas para um debate futuro. Afinal, estamos construindo paredes ou espaços? Cascas ou núcleos?

O exemplo de Zumthor, por fim, se estabelece como uma referência na forma de pensar e desenvolver a arquitetura dos dias atuais, ilustrando como produzir pensando no interior é, também, produzir pensando no indivíduo, pensando em nós mesmos.

BIBLIOGRAFIA

AMERICANO DEL SUD. Americano del Sud: Palestra Peter Zumthor. Assunção 2015.

BERTELOOT, M.; PATTEEUW, V. Form/Formless. OASE: Sfeer bouwen | Building Atmosphere. Rotterdam, n. 91, p. 128, 2013.

BEST OF INTERIORS. Best of Interiors. 2013. Disponível em: <<http://www.bestofinteriors.com/decorating-ideas/peter-zumthor-reconsiders-lacma/>>. Acesso em: 29.05 de 2016.

BOHME, G. Atmosphere as mindful physical presence in space. OASE: Sfeer bouwen | Building Atmosphere. Rotterdam, n. 91, p. 21-32, 2013.

DAVEY, P. Zumthor the shaman. The Architectural Review, <http://www.thefreelibrary.com/Zumthor+the+shaman.-a021269556>, 1998. Disponível em: Acesso em 01 de agosto de 2014.

GUILHERMINO, L. A. Atmosferas arquitetônicas: projeto e percepção na obra de Peter Zumthor. 2015. 213 f. (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN, 2015.

KUNSTHAUS BREGENZ. Kunsthaus Bregenz. Bregenz, 2013. Disponível em:
<<http://www.kunsthaus-bregenz.at/>>. Acesso em: 17/03 de 2015.

MERIN, G. AD Classics: Saint Benedict Chapel / Peter Zumthor., 2013. Disponível em:
<<http://www.archdaily.com/?p=418996>>. Acesso em: Agosto de 2014.

PINTEREST.COM. Pinterest. São Francisco, 2015. Acesso em: s.d. de 2015.

STEC, B. A Conversation with Peter Zumthor. Casabella. Milão, n. 719, 2004.

URSPRUNG, P. Earthworks: The Architecture of Peter Zumthor. 2009. Disponível em:
<<http://www.pritzkerprize.com/2009/essay>>. Acesso em 17 de julho de 2014.

ZUMTHOR, C. ZTH Tumbler. ZTH Tumbler, 2012. Disponível em:
<<http://zumthor.tumblr.com>>. de 2014.

ZUMTHOR, P. Atmosferas: Entornos arquitetônicos – As coisas que me rodeiam. Barcelona:
Gustavo Gili, 2006.

_____. Pensar a arquitetura. 2 ed. Basileia / Boston / Berlim: Birkhauser Verlag, 2006
[1998]. 95 p.

_____. PETER ZUMTHOR 1985–2013: Buildings and Projects. 01 ed. Zurique:
Scheidegger & Spiess, 2014. v. 02. 157 p.